

Terral e Aracati: o lugar do sertão em *Galiléia* de Ronaldo Correia de Brito

por Luciana Barboza

“Embora não me sinta o direito  
de te dizer sim, não, dar conselho,

conto com que todo esse progresso  
que derruba o onde fui (se ainda levo)

faça mais fácil o mão-a-mão  
de mão a mão distribuir o pão,

e que tua gente volte ao “bom-dia”  
de quando lá toda se sabia”

( João Cabral de Melo Neto, 2008, p. 423)

A interpenetração de espaços que antes aparentemente eram impossíveis de se imaginar até mesmo vizinhos, como o entrelaçamento do universo vinculado por meio da televisão, Internet e a rede mundial de computadores dentro de uma conformidade considerada por muitos como isolada, chamada sertão nordestino, não é um fato frívolo, passivo de se desenrolar sem conseqüências imediatas e em longo prazo. No romance *Galiléia*, de Ronaldo Correia de Brito, encontramos a sobreposição de múltiplos espaços dentro de um único quadro, que muito diferente de uma fixação certa, ele ostenta uma instabilidade, numa indeterminação de fronteiras.

Ao longo de um percurso, que corta o Ceará por suas estradas, três viajantes atalham por cidadezinhas, passam nos bares pobres que serviam de restaurante nas beiras de estrada e num velho motel que os serviu de hospedaria por uma noite. Ao longo da viagem, a tensão da interpenetração dos espaços confunde os olhos destes espectadores. Foi em um boteco que “não é padaria, bar ou restaurante. E é tudo isso.” que se acha, por exemplo, o relato entrecortado em lamento de um homem, tendo como interlocutor Adonias, um dos três viajantes, acerca de um recente infortúnio que abalara sua família.

O relato do homem lembra os livros da biblioteca do avô Caetano, todos parcialmente comidos pelas traças e cupins. Difícil encontrar algum que não tivesse buracos nos miolos das folhas, em que não faltassem páginas inteiras, obrigando-me a imaginar o que não conseguia ler, a tornar-me parceiro de autores famosos. Nunca soube de que maneira o náufrago Gulliver escapou dos gigantes, no país de Brobdingnag; nem como terminou a pejeja entre o Capitão Ahab e a baleia branca Moby Dick (...) Meu saber fragmentou-se como um vaso de argila sumério. (BRITO, 2008, p. 37)

E assim como as ausências dos livros não impediam persistência da história, o homem, dono do bar, persiste em contar seu caso, ou melhor agora, sua má notícia sobre o filho:

foi-se o tempo. Acabou com todos nós. O conselho Tutelar decidiu. Ia num ônibus da Prefeitura. Eu não possuo carro. De cavalo essa juventude não aceita andar. A cidade fica para trás, o senhor passou nela, há quase duas léguas. É longe e incômodo sair toda noite de casa. Tem de estudar, é o jeito. Não existe mais roça, nem eles querem. Não existe mais gado, nem eles querem. Tem a cidade sem emprego. (BRITO, 2008, p. 38)

O homem se queixa das mudanças atribuídas por ele à força do tempo, e consegue perceber que seu filho não conseguiria se adaptar ao que pra ele era o convencional. Ele também ilustra a passagem do tempo, ao se opor ao temor que Adonias sustenta ao redor da possibilidade do computador de Davi ser furtado naquele lugar: “Trago o computador pra perto da mesa, temendo que o roubem. O bodegueiro percebe minha desconfiança. Terá se ofendido? Acho que fui injusto. Não sei, os tempos mudaram. Mudaram?”. De modo que o bodegueiro continua:

o senhor correu pra guardar seu aparelho não serve pra gente, nem se servisse por mim, podia ficar dez anos em cima do banco. Mas ele quis um celular! Desejou não sei pra quê. Não tem nenhuma utilidade aqui. Nem pegar pega. Pode ligar o seu agora e testar. Pega? Pega não! Ele viu na televisão e achou bonito. Agora, os rapazes acham feio vestir roupa de couro, botar um chapéu na cabeça. Estão no direito deles. Mudaram os tempos. Pra que serve vestir roupa de couro, botar chapéu na cabeça, se não tem boi pra correr atrás? Serve apenas pra dançar xaxado, folclore, o senhor conhece. Roupa de couro perdeu o valor porque não tem utilidade. (BRITO, 2008, p. 38)

Sinhá Vitória, personagem do romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, assim como o dono do bar, mantém uma relação com o desejo de possuir objetos que passa

pelo filtro da necessidade de tê-los enquanto úteis para si: ela tem como seu maior desejo possuir uma cama de lastros de couro, que pudesse substituir a cama de varas em que ela e Fabiano dormiam. Era esse seu sonho e muitas vezes o relembrava, gozando o deleite de um dia deitar-se numa “cama real, de couro e sucupira, igual à de seu Tomás da bolandeira.”<sup>1</sup>. Seu desejo realizado seria, naturalmente, de grande utilidade em seu cotidiano, pois mesmo tentando se convencer de que se acostumara à cama de varapaus, era a mesma que não a fazia esquecer de seu cálido “horizonte acanhado”<sup>2</sup>, que era a cama de couro. O dono do bar também não desejava o computador de Davi, ou os celulares da televisão que, por outro lado, seu filho tanto quis. Essa discussão em torno da utilidade e da não utilidade dos objetos perpassa a questão de eles serem mercadorias; quando pensamos que as roupas de couro deixam de ser usadas e desejadas, por não haver mais gado pra correr atrás ao longo da caatinga e, ao mesmo tempo, contrariando essa lógica, o celular que não funciona naquela localidade – e portanto também sem utilidade – é desejado, propõe-se então a projeção de um novo valor ao objeto. O valor de uso muitas vezes não se configura como a principal necessidade e desejo do homem e, especificamente no contexto visto aqui pelo romance, o valor não apenas é indeterminado pelo que está próximo do homem, em seu núcleo familiar, como é indeterminado pela noção de uso ou não uso. Para o filho do dono do estabelecimento não havia essa dicotomia, que uma vez ignorada deu espaço a um desejo irremediável, fruto da globalização, de possuir um celular, assim como as pessoas que apareciam na televisão os tinham. O pai, religioso e assustado com o novo drama, culpa o Diabo:

Meu filho quase se mata por nada, por esse trastezinho que até bem pouco tempo atrás nem existia pra gente. Mas agora existe e ele desejou um. É o Diabo quem inventa essas coisas, só pode ser. E também é o Diabo quem tenta a gente pra querer o que não precisa. Ele aparece na televisão, ludibriando, prometendo maravilhas, mandando comprar, fazer qualquer sacrifício para possuir essas porcarias. A cada hora inventam uma coisa diferente. Nosso menino esqueceu a honra (BRITO, 2008. p. 40)

O pai diz que a ganância corrompeu o menino e Ismael, terceiro viajante, arredio, pergunta: “A ganância ou a ignorância?” e Adonias insiste, numa voz baixinha:

---

<sup>1</sup>RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. Rio de Janeiro/São Paulo: Ed. Record, 2001. p.46

<sup>2</sup>Ibidem. p. 41

“Não será a pobreza que causa tudo isso?”. Walter Benjamin em *Rua de Mão Única* tece num de seus preciosos fragmentos uma consideração sobre o traçar de uma ligação entre honra e a miséria:

V. “Pobreza não é desonra.” Muito bem. No entanto, desonram os pobres. Fazem isso e o consolam com o provérbio. Este é daqueles que antigamente se podiam admitir como válidos, mas cuja data de vencimento já chegou há muito tempo. Do mesmo modo como aquele brutal “Quem não trabalha não come”. Quando havia trabalho que alimentava seu homem havia também pobreza que não desonrava, quando o atingia por má colheita ou outra fatalidade. Mas é desonra, sim, essa penúria, da qual milhões já nascem dentro, e em que são enredados centenas de milhares, que empobrecem. Sujeira e miséria crescem como muros, obra de mãos invisíveis, em torno deles. (BENJAMIN, 2009, p. 22)

Marx no primeiro capítulo “Mercadorias” de *O Capital* postula que o valor de uso da mercadoria “satisfaz necessidades humanas de qualquer espécie. Que essas necessidades [tem] a sua origem no estômago ou na fantasia,”<sup>3</sup>. A cultura, literatura, música, que fala o sertão nordestino revela que a atração pela roupa de couro também passava pelo fetiche, aliando-se a relação de querê-la por sua utilidade de proteção, com origem também no estômago, de modo que o previsível seria, como o pai citara, que o filho desejasse um chapéu, uma roupa de couro, ou um cavalo, mesmo que não tivesse a mesma utilidade que antes. O filho, entretanto, passa a se identificar mais com o que vê na televisão: uma cultura fabricada sobre um modo de vida distante do que aquele que figura seu redor. Percebe-se daí que a questão das fronteiras no mundo globalizado não se determina de acordo com uma simples noção de “longe” e “perto” que pautou suas características enquanto fronteiras geográficas. Portanto, num diálogo com Benjamin, em *O Narrador*, propomos atravessar a dispersão da noção de lugar, com a noção de polarização de um referencial cultural, advindo da cultura massificada e esvaziada.

o narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas, se “dar conselhos” parece hoje algo antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Em consequência, não podemos dar conselhos nem a nós mesmos. Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. (BENJAMIN, 1994, p. 200)

---

<sup>3</sup>MARX, Karl. “Cap. I. Mercadoria”. In.: *O Capital: crítica da economia política: livro I*. trad. Reginaldo Sant’Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 57

O filho do dono do bar rouba o celular da loja, é preso, tenta se matar e, afinal, vai parar num hospital público da capital cearense. Certamente não seria apenas para Adonias e Ismael, que ouvia de soslaio, que aquele pai contaria o caso, ou melhor, sua trágica notícia. O isolamento a que são submetidas histórias como essa não conseguem retirar o invólucro de realidade que sopra em seus redores; o isolamento que antes parecia produto de um acidente geográfico, agora não encontra mais justificativa de existir.

Com efeito, longe de ser um “dado” objetivo, impessoal, físico, a distância é um produto social; sua extensão varia dependendo da velocidade com a qual pode ser vencida (e, numa economia monetária, o custo envolvido na produção dessa velocidade). Todos os outros fatores socialmente produzidos de constituição, separação e manutenção de identidades coletivas – como fronteiras estatais ou barreiras culturais – parecem, retrospectiva, meros efeitos secundários dessa velocidade. (BAUMAN, 1999, p. 19)

Nesse trecho citado vai uma constatação que coloca a grave questão do isolamento, neste caso específico o do sertão, num mundo a parte, em seus termos concretos: o isolamento do sertão nordestino é um produto social. Isso quer dizer que quando há interesse por parte das elites não há limites de fronteiras e os termos “longe” e “perto” se tornam abstrações. Benjamin postula que quanto mais uma comunicação polarizada determinar a vida das pessoas, menos elas se comunicarão através da oralidade, o que acarreta obrigatoriamente o esquecimento de hábitos culturais.

Na realidade, esse processo, que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá uma nova beleza ao que está desaparecendo, tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular das forças produtivas. (BENJAMIN, 1994, p. 201)

Florestan Fernandes atenta para essa relação entre sertão versus litoral, observando que os centros urbanos no Brasil se situam, em maioria, próximos à faixa litorânea, e, portanto, ainda mais abertos às experiências do “fora”, do exterior e além mar. E por abrigar os centros urbanos ostenta uma cultura que se pretende como a cultura civilizada e característica daquela localidade em sua completa amplitude, sempre partindo também da abertura para o fora que o mar proporciona. Assim, embora geograficamente se anuncie como margem, o litoral se apresenta como o centro dominante do que o margeia pelos interiores, e sertões.

Os principais centros urbanos pontilham o território brasileiro predominantemente nas imediações do mar e funcionam, relativamente ao resto do país como “nós culturais”, pontos de condensação, de irradiação e de difusão de novos padrões de comportamento e de outro tipo de vida. Esses padrões e esse tipo de vida constituem o que vaga e enfaticamente enunciamos como “civilização”, contida e consagrada naquela forma. (FERNANDES, 1979, p. 123)

O esquecimento do litoral também é a memória que ecoa ao lado das vozes dos antepassados, em *Galiléia*, como uma ladainha que se repete trazendo do homem o seu sertão:

“A ladainha de nomes de árvores e pássaros insinua-se no jorro de lembranças. Não permito que se transforme em balbucio. Reviro os pensamentos, estou mais leve que na véspera. Depois do primeiro dia na Galiléia, o pânico cedeu. Sinto gosto em comer, em respirar, em dormir. Foi sempre assim (...) O desejo quase erótico de retornar ao lugar onde nasci se misturava com um medo inexplicável de morte.” (BRITO, 2008, p. 129)

Ismael compara o sertão nordestino à Noruega, buscando uma avizinhamento imprevisível:

- A Noruega é um sertão a menos trinta graus. As pessoas de lá também são silenciosas, hospitaleiras, falam manso. Habitaram-se aos desertos de gelo, como nós à caatinga. A comparação parece sem sentido, mas eles também olham as extensões geladas, como olhamos as pedras. A nossa pele é marcada pelo sol extremo, e a deles pelo frio. (...)
- Mudam as culturas, as crenças, o grau de civilização. [diz Adonias]
- Não sei o que é isso. (BRITO, 2008, p. 73)

E assim os três primos chegam à Galiléia para ver “o avô [que] desejava morrer, mas algo o retinha preso à vida”. Todos que precisavam chegar, ali estavam, e Julia, contadora de histórias e rezadeira, decifrava cochichando “no ouvido dele que a prisão era a Galiléia”. A simultaneidade de planos permite a presença de personagens como Julia, clássica do imaginário da cultura popular nordestina, e a presença de tio Salomão, que vive na Galiléia, colecionador de ramos genealógicos, causos engraçados, velhos papéis, livros antigos e arapucas que esperam ansiosas o dia em que serão desvendadas. Adonias o provoca:

- Tio Salomão é um regionalista. Existe coisa mais fora de moda do que um regionalista?

O assunto não interessa nem um pouco a tio Josafá e ele volta a ocupar-se (...) Tio Salomão dá um passo à frente, se esforça para não responder minha provocação. (...) Eu conheço a resposta do tio. Ele sempre foi contrário aos movimentos regionalistas, acha que “em vez de andarem atrás de particularidades sem importância, deveriam investigar a contribuição econômica, social e lingüística que o Nordeste deu para a formação do Brasil, e tudo o que foi produzido nas artes”.

- Quer saber de uma coisa, Adonias? Regionalista é a mãe. (BRITO, 2008, p. 163-164)

Adonias, que saíra da Galiléia, não compreende a dificuldade que um homem como Salomão tem de se nomear, de se caracterizar dentro do contexto em que se encontra: mora numa fazenda que algum dia foi próspera, guarda objetos, histórias e lembranças que algum dia pareceram importantes, guarda sofrimentos que algum dia pareceram daquela região.

Quando nossas disputas abrandavam, eu me tornava justo e generoso, deixava os rancores de lado e reconhecia nele uma erudição solitária, um jeito próprio de ver o mundo e a civilização brasileira. Percebia seu esforço em busca do que é permanente e sobrevive ao furor das mudanças. E admirava o quanto ele persistia numa consciência regional, procurando desenvolver um pensamento e uma prática cosmopolita. Separado de um passado mítico e irrecuperável, esforçava-se por achar no presente um caminho para ele e seu mundo sertanejo. (BRITO, 2008, p. 162)

O que vai acima é a persistência de uma atitude moral perante a realidade que o cerca. Ele luta contra a imagem do sertão como um lugar exótico, como sendo essa a sua forma regional. Salomão atenta para o fato de que as rendeiras “costuram redes, bordam panos, tecem varandas, deitam e dormem despreocupadas se as redes são regionais”. Assim como os ventos que cruzam o nordeste são despreocupados se são ou não regionais, pois onde sopram se torna o centro: não estão numa região à margem. Há a defesa de que o veredicto “regionalista” muitas vezes é inteiramente desligado da realidade local.

A dificuldade está em pensar o homem no que ele é hoje, partindo do que ele foi ontem, o que implica diferentes acepções que nem sempre o viam como ele habitualmente se percebia. Esta tensão entre como numa localidade o homem se sente e pretende dali se expressar, em contraposição ao abrangente e persuasivo cosmopolitismo é vista por Antonio Candido, em seu *Literatura e Sociedade*, como uma

relação dialética. Afinal, Candido observa que da mesma maneira que a tensão gerada por esta relação pode tratar o homem rural do interior do país como um ser “pitoresco, sentimental e jocosos” e essa como uma cultura limitada e rústica, pode desvendar aspectos do Brasil em sua multiplicidade e profundidade cultural própria do interior - passando pelo filtro de uma influência crítica do cosmopolitismo. Seria essa, então, a tendência – enxergando e privilegiando o *local* - que melhor abrange uma “autoconsciência local”. Sobre o romance de 1930, Cândido diz:

a humanidade singular dos protagonistas domina os fatores do enredo: meio social, paisagem, problema político. Mas, ao mesmo tempo, tal limitação determina o importantíssimo caráter de movimento dessa fase do romance, que aparece como instrumento de pesquisa humana e social, no centro de um dos maiores sopros de radicalismo da nossa história. (CANDIDO, 2010, p. 131)

A chegada a este lugar “local”, que tanto diz sobre o Brasil e sobre aqueles homens que tem sua origem ali, é uma marca da forma do romance, que se organiza na busca por uma linguagem que esteja à beira do precipício causado pelo retorno. Assim, é marcada pela tensão do momento anterior, ao ver-se num espelho, que a chegada se torna um reconhecimento trágico, dos que “se movem como nas tragédias”.

As bênçãos tomadas, os apertos de mãos, os raros beijos. Sou o primeiro da fila, o mais destemido. Defendo-me dos olhares que tentam adivinhar-me. Mantenho o corpo em guarda, não relaxo em um único músculo. (...) Sinto um medo passageiro, e depois me controlo para não rir. Algum movimento do tio lembra o rufião das comédias de circo. Ele avalia a platéia. Comparo as vidinhas do motel e do aruado pobre com esse mundo da Galiléia, onde as pessoas se movem como nas tragédias. (BRITO, 2008, p. 93)

O abandono e a pobreza são os mesmos, a diferença está no reconhecimento. Da mesma maneira que os nomes de todos os membros da família, que protagonizam *Galiléia*, são bíblicos – escolhidos cada um pelo avô Raimundo Caetano – e vazios de significado, a cultura do que é local, se vê dissolvida.

Saio para a noite e os descampados. Melhor aqui fora. Sempre gostei dos espaços abertos, mais previsíveis do que os corredores das casas. Basta um dia de sol e tudo o que parecia escuro se revela sem mistérios. As casas nunca expõem as entranhas. É preciso botá-las abaixo, arar o terreno onde se erguiam e salgá-lo. Talvez desse modo



se afugentem os segredos, os crimes velados ao longo dos anos.  
(BRITO, 2008. p. 181)

*Galiléia* é um romance de revelações e de novos mistérios que passam a se instaurar, a angustiar os sentimentos dos visitantes. Não sabemos do desenrolar, não temos mais notícias, ante o gigante sertão que vem e engole todas as suas histórias e suas vozes.

À medida que me afasto desse sertão dos Inhamuns, sem nunca virar-me, igualzinho fez Ló quando fugia de Sodoma, ele me transmite um apelo. Tapo os ouvidos com cera de carnaúba e fico surdo aos chamados. Se ouvires as vozes sertanejas, já não escutarás outras vozes. Melhor esquecer, seguir em frente. (BRITO, 2008, p. 225)

O avô morreu? A Galiléia continuará? O mundo mudou e “agora, seu significado foge por completo”.

Bibliografia:

BRITO, Ronaldo Correia de. *Galiléia*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2008.

BENJAMIN, Walter. *Rua de Mão Única*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 2009.

CANDIDO, Antonio. “Literatura e Cultura de 1900 a 1945” In.: *Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

FERNANDES, Florestan. *Mudanças Sociais no Brasil*. São Paulo/Rio de Janeiro: Ed. Difel, 1979.

HOLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MARX, Karl. “Cap. I. Mercadoria”. In.: *O Capital: crítica da economia política: livro I*. trad. Reginaldo Sant’Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

MELO NETO, João Cabral. “Corrente de Ar” In.: João Cabral de Melo Neto: poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

\_\_\_\_\_. “Ao novo Recife” In.: João Cabral de Melo Neto: poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O olho e o espírito*. Trad. Luís Manuel Bernardo. Editora Veja, 2002.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. Rio de Janeiro/São Paulo: Ed. Record, 2001.